

Morte e Luto

Mirtha Ramirez

Deixamos os mortos chegarem até nós; eles amadurecem e se suavizam; eles crescem em nós com raízes póstumas; somos o verdadeiro campo, a verdadeira terra dos mortos; eles querem ser sepultados em nossos corações. Ernst Junger.

As três formas: unária, dual e ternária.

Em Análise Psico-orgânica - APO, distinguimos três modalidades de relação: unária, dual e ternária.

A modalidade unária corresponde à vivência intra-uterina do bebê, que está em fusão com a placenta e, mais tarde, durante os primeiros oito meses, à simbiose pós natal. É uma modalidade de relação que pode ser vivida de forma muito agradável e determinada pelo princípio do prazer, mas, em algumas situações, essa modalidade unária pode existir numa qualidade de fusão mórbida, mortífera. Na relação unária, o outro não existe.

Na relação dual, o outro existe. Estamos juntos para constituir uma identidade. Na dual, a relação se dá entre eu e tu. O pronome na relação unária é “eu”, auto-referente. Na relação dual é “tu”.

A estrutura ternária, o pronome é “ele”, decorre da intervenção de um acontecimento, de uma força externa que determina a vida humana. É descrita pelo pronome “ele”, que é externo à relação dual; é uma terceira pessoa, um terceiro termo, que nos é imposto pelo externo. Trata-se da entrada da lei.

Somos constituídos por essas três formas, com tendência maior para uma ou para outra.

As três formas são uma ferramenta teórica da APO, útil para diagnóstico e como maneira de ver toda uma série de grandes temas, tais como a lei, o dinheiro, as transferências, a sexualidade e a morte.

Vejamos a questão do luto e da morte.

A morte é uma das questões da nossa existência. É um mistério. A morte pode chegar abruptamente, como um evento brutal, sem ser prevista. Nesse caso, subitamente somos confrontados com um acontecimento inesperado, abrupto, uma entrada do real, e isto muda completamente a situação que existia momentos antes.

O contrário da morte não é a vida. É o nascimento, porque se trata de uma passagem.

Não sabemos o que há antes do nascimento nem depois da morte. Tudo o que podemos dizer sobre a morte não esgotaria a questão.

Do ponto de vista unário, a morte é essa passagem de forma indefinida, indiferenciada, uma espécie de dissolução.

Pode-se dizer que no unário a morte é um processo interno. Segundo Freud, a pulsão de morte trabalha no inconsciente. É a nossa pulsão de morte que pode ir no sentido da dissolução do nosso “envelope”.

Na forma unária, a vivência é interna. A depressão é do registro unário. A pulsão que se estabelece na estrutura unária está profundamente ligada à regressão.

No dual, a morte é uma erupção do externo, do real, que vem criar uma ruptura, por exemplo, um acidente.

Já na forma dual, a morte é uma a erupção da realidade, um rompimento, um esgarçar do ser, algo que vem de fora, algo que vem quando menos se espera.

O dual se refere à identidade. Nós precisamos do outro, de estarmos eu e tu. É o lugar do confronto. Podemos dizer que na forma dual há a presença de duas pessoas diferentes que se relacionam de diferentes maneiras. Maneiras distintas de cada um ser. Certamente, é o lugar da raiva, da violência, mas é esse também o lugar do encontro, do amor. É o lugar da cumplicidade.

Existem duas pessoas que dizem “eu”. E existem duas pessoas que dizem “tu”. O aspecto da morte no sentido ternário, é o que está ligado a tudo o que inscreve a morte em relação ao destino humano, o que se refere à transmissão, à sucessão de gerações, à tudo o que se refere à memória do morto. Aí entram as tradições e os rituais. Lembrança da memória de quem morreu. Formas de criar funerais, rituais que permitam separar-se do morto, ao mesmo tempo em que se perpetua sua memória.

No ternário é onde se insere a lei e a cultura. Podemos tomar a morte como parte de uma lei natural.

É muito importante separar-se da pessoa que morreu. No luto, o primeiro sofrimento vivenciado é o da impossibilidade de viver sem o outro. O que é presente é a falta concreta da presença do outro, da sua energia. É aí onde o ternário é tão importante, porque podemos simbolizar a presença, a memória, para não trair, não esquecer, mas poder seguir vivendo.

O ternário é o tempo social, é como o homem organiza o ontem, o hoje e o amanhã. No tocante ao tempo, isso está diretamente ligado ao interdito do incesto, que é a obrigação de passar do dual ao ternário. O ternário é a sucessão de gerações. E a aceitação do interdito do incesto é a mesma coisa que aceitação da morte. O pai que aceita a interdição do incesto, perde uma relação privilegiada com a filha; o que ele ganha é que a filha terá uma criança e ele será avô.

Ser avô é de certa forma aceitar a morte. Existe um luto nessa relação. O luto consiste em aceitar a morte e inserir-se no social, no tempo humano, no qual as crianças chegam depois dos pais e não antes deles. Os netos depois dos filhos. E assim faz-se a sucessão.

Se o pai se apoderasse da filha, estaria fechando o círculo sobre si mesmo, no presente. O incesto é uma forma de negar o tempo. O tempo que carrega a morte. É uma forma de ficar na ilusão de eternidade.

O interdito do incesto é a obrigação de passar do dual para o ternário. É a aceitação da lei. O ternário se dá no sentido da reorganização.

No unário, vive-se fora do tempo. No dual o tempo se dá no presente.

No ternário, por outro lado, o tempo é social.

O unário é o lugar da nutrição.

O dual é o lugar da identidade.

E o ternário é o lugar da lei

Vamos falar de morte e luto na psicanálise.

Segundo Freud, “se concebemos a vida tomando como centro o amor, e pensamos que toda alegria vem de amar e ser amado, o seu paradoxo é o sofrimento e a dor”.

Perder um ser amado é perder o que era centro organizador do psiquismo. Para seguir vivendo precisa-se fazer um trabalho de elaboração de luto. Para Freud, o luto não é a perda. É a reação à perda. Não situa a dor como sendo exclusivamente ligada à perda, mas ao trabalho de luto.

O que se perde com a morte de um ente querido é a imagem de mim mesmo que ele me permitia amar.

O que perdi, antes de tudo, é o amor a mim mesmo que o outro tornara possível. Isso significa que o que se perde é o eu ideal, ou mais exatamente o meu eu ideal ligado à pessoa que acaba de morrer.

Em que consiste o trabalho do luto e a elaboração do luto ? É uma lenta e minuciosa retomada de cada um dos detalhes do vínculo que me ligava ao objeto amado e agora perdido. Nesse trabalho, cada lembrança do morto é tratada pelo eu segundo três procedimentos:

- primeiro, há uma focalização, uma delimitação de cada lembrança e de cada imagem ligada ao objeto perdido;
- segundo, uma vez delimitada a imagem, produz-se então um desinvestimento;

- terceiro, a libido, destacada da imagem mental do outro, é transportada para grande parte do eu. É precisamente esse movimento que produz a identificação com o objeto, mais exatamente com a imagem do objeto. Aí a libido está livre para substituir e investir em outro objeto.

Podemos assim nomear os três patamares da elaboração do luto: superinvestimento, desinvestimento e enfim transporte do afeto para o conjunto do eu, isto é, identificação.

No luto normal, a retirada da libido se desloca progressivamente para um outro objeto. A libido deixa pouco a pouco a representação do objeto perdido para investir a representação de um novo objeto eleito.

A diferença no luto patológico, uma vez destacada do objeto perdido, é que a libido se dissemina pelo conjunto do eu e se cristaliza sob a forma de uma identificação congelada com a imagem do objeto perdido.

Freud sustenta que a imagem do objeto perdido é a sua “sombra”, que cai sobre o eu e encobre uma parte dele. A dor é pois uma reação. E ante o transtorno pulsional introduzido pela perda do objeto amado, o eu se ergue: apela a todas as suas forças vivas. Mesmo com o risco de esgotar-se. E as concentra num único ponto, o da representação psíquica do amado perdido.

A dor ocorre cada vez que acontece um deslocamento maciço e súbito de energia. Assim o desinvestimento do eu dói, e o desinvestimento da imagem também dói, o que dói não é perder o ser amado, mas continuar a amá-lo mais que nunca, mesmo sabendo-o irremediavelmente perdido. “Mas é necessário separar-se do morto e isso é possível com o processo do luto. O luto é um longo caminho que começa com a dor viva da perda de um ser querido e declina com a aceitação serena da realidade, da perda e do caráter definitivo da sua ausência. Durante esse processo, a dor aparece sob forma de acessos isolados de pesar. O luto é desfazer lentamente o que se coagulou precipitadamente”.

“Nunca estamos tão mal protegidos contra o sofrimento como quando amamos, nunca estamos tão irremediavelmente infelizes como quando perdemos a pessoa amada. Assim, o amado me protege contra a dor enquanto seu ser palpita em sincronia com os batimentos dos meus sentidos. Mas basta que ele morra bruscamente para que eu sofra como nunca”

“Durante o período de luto, o eu percorre o caminho inverso: pouco a pouco desinveste a representação do amado, até que esta perca a sua vivacidade e deixa de ser um corpo estranho, fonte de dor para o eu. Desinvestir a representação significa retirar, retirar-lhe o seu excesso de afeto, reposicioná-la entre as outras representações e investi-la de outra forma” (Juan-David Nasio).

Freud disse que o luto é uma retirada do investimento afetivo da representação psíquica do objeto amado e perdido. O luto é um processo de desamor, é um trabalho de luta, detalhado e doloroso. Pode durar dias, semanas e até meses, ou ainda toda uma vida ...

O luto é um movimento de afastamento forçado e doloroso do que tanto amamos, que não existe mais, somos obrigados a nos destacar dentro de nós, do ser amado que perdemos. Seria como identificar-se (ficar com) com o melhor do objeto perdido dentro de nós e enterrar o resto.

Segundo Fernando Ulloa, luto congelado é um luto diferido, adiado, que pode ser mantido por muitos anos e se caracteriza pela rapidez com que se resolve quando é trabalhado na psicoterapia. É uma espécie de estagnação, de sofrimento congelado.

Bibliografia:

Material de EFAPO/CEBRAFAPO.

Freud, S., Obras Completas.

Nasio, Juan-David, O Livro da Dor e do Amor, J. Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1997.